

GUIÃO PEDAGÓGICO

OURÉM

(Guião 22)

PROGRAMA DE VISITAS DE ESTUDO

Comunidade Intermunicipal do Médio Tejo



Cofinanciado por:



Apresentação

A Comunidade Intermunicipal do Médio Tejo (CIMT) determinou no seu *Plano Estratégico de Desenvolvimento Intermunicipal da Educação* (PEDIME) um conjunto de medidas que, através da Educação, concorrem para a *coesão sustentável do território*.

Para responder ao *Programa de Visitas de Estudo*, medida integrada no PEDIME, e ao encontro da promoção da cultura científica, das artes e das competências metacognitivas (desenvolvimento de maneiras de pensar os problemas), estabeleceu como ação estratégica a construção de um conjunto de guiões pedagógicos de apoio a visitas de estudo.

O traço estruturante deste projeto foi a conexão entre *património*, *currículo* e *visitas de estudo*. A criação de 45 guiões pedagógicos, direcionados à planificação curricular e didática de visitas de estudo, foi organizada pelo CICS.NOVA e uma equipa de professores/investigadores, em articulação com a área da Educação, Cultura e Turismo dos Municípios e Agrupamentos que integram a CIMT e serviços educativos dos espaços.

A metodologia desenvolvida procurou promover a capacidade de *mobilização de conhecimento para a resolução de problemas* ou para o desenvolvimento de projetos que, partindo do contexto geográfico e cultural, possam conduzir o(a) aluno(a) a consolidar e a desenvolver os seus conhecimentos, bem como o desenvolvimento de competências sociais, cognitivas e metacognitivas.

Fomentar momentos de debate, reflexão conjunta, de configuração de soluções às problemáticas apresentadas fizeram parte dos objetivos deste projeto que alia a descoberta à criação e que *promove o conhecimento sobre o território da CIMT* como espaço de aprendizagem científica e cultural e o desenvolvimento do que poderemos designar por turismo escolar e *valorização de diferentes tipos de património*, tendo como público não só as escolas e agrupamentos de escolas da região, mas igualmente do resto do país.

Metodologia¹

Diversos estudos sobre o papel das visitas de estudo na educação apontam para a sua prática pedagógica como uma estratégia que promove o *desenvolvimento de competências intersociais e científicas e potencia as aprendizagens de diferentes áreas disciplinares*.

Partindo das perspetivas de currículo integrado questionou-se sobre **como planificar curricular e didaticamente visitas de estudo**.

A *integração curricular*, na prática, começa com a identificação de questões, temas organizacionais, unidades temáticas ou núcleos de experiências perante a aprendizagem. Assim, a estratégia metodológica privilegiada na construção destes guiões considerou uma aprendizagem baseada em problemas, formulados a partir do questionamento dos espaços a visitar, considerando os conteúdos curriculares do ensino básico e a metodologia de projeto, com a proposta de construção de um **portefólio de aprendizagens**.

A planificação *didática da visita de estudo* foi organizada segundo os pressupostos:

- **Validade** – atende à articulação entre espaço e currículo.
- **Utilidade** – compreende a oportunidade de explorar os conteúdos curriculares em novos ambientes educativos, catalisadores na mobilização de competências para a resolução de problemas.
- **Significação** – considera as experiências vivenciadas pelos(as) aluno(as) e está por isso associada à ligação entre o conhecido, o vivenciado e a novidade.
- **Adequação** - contabiliza o desenvolvimento integral de todos os(as) alunos(as) de acordo com os documentos curriculares, normativos.
- **Flexibilidade** - determina relações interdisciplinares, num ambiente pluri/multidisciplinar.
- **Avaliação** - atende à construção de instrumentos de monitorização e avaliação das aprendizagens, em articulação com os procedimentos organizacionais de autoavaliação e avaliação externa.

Os 45 guiões pedagógicos organizados constituem-se referências num *plano de desenvolvimento curricular de nível meso* e propõem práticas curriculares situadas sobre a intervenção didática, contextualizada e integrada, mas a adaptar aos documentos internos que

¹ Organizada pela equipa científica.

regem a ação educativa de cada agrupamento de escolas.

Espaço

A definição dos espaços reconhece uma análise prévia construída a partir de códigos reflexivos e de *carácter patrimonial, identitário e científico*.

Problemática

A problemática é desenvolvida tendo em conta o espaço e os conteúdos curriculares/programáticos das diferentes componentes ou área disciplinar/disciplina. Na problemática pode existir uma ou mais *questões nucleares* que orientam a construção do guião. A exploração da problemática deve contribuir para uma *melhor compreensão dos desafios locais/regionais*, impacto nacional e também pode conduzir a um projeto de valorização ou *intervenção pelo desenvolvimento sustentável da região*.

Conhecimentos e Competências

Partindo dos documentos curriculares, nomeadamente as aprendizagens essenciais e perfil do aluno, determinam-se os ciclos, anos de escolaridade, conhecimentos e respetivas competências, que de forma horizontal ou vertical promovem a interdisciplinaridade, nos processos e produtos da aprendizagem.

Fases da Visita de Estudo

Os guiões de visitas de estudo procuram potenciar as maneiras de pensar do(a) aluno(a) ao longo dos diferentes momentos, numa perspetiva investigativa. A partir da problemática definida, sugere-se a promoção da relação investigador/objeto, bem como a reflexão sobre a finalidade da atividade científica e a intencionalidade da aprendizagem.

Antes da visita de estudo

Construir a contextualização histórica sobre o espaço e as atividades a desenvolver com os(as) alunos(as) para a exploração da problemática, considerando e adaptando às diferentes componentes ou área disciplinar/disciplina. Fomentar, igualmente, a criação de hipóteses. Neste momento, estabelece-se o protocolo de preparação da saída e trabalho de campo, em articulação com o espaço, definindo a realização de uma visita guiada ou autónoma.

Durante a visita de estudo

Aplicar o protocolo de recolha de dados segundo os materiais didáticos/pedagógicos e instrumentais construídos, adaptado às diferentes componentes ou área disciplinar/disciplina e à tipologia de visita de estudo.

Após a visita de estudo

Implementar atividades que orientem os alunos a organizarem e a integrarem a aprendizagem efetuada antes e durante a visita, de modo a responderem à problemática de partida. Promover a divulgação das conclusões e recomendações da problemática estudada à comunidade. Finalizar o portefólio.

Avaliação

Portefólio, autoavaliação, entre outros instrumentos a definir pelo grupo de professores (as).

Oportunidades/Possibilidades do Guião-tipo:

- Reconfigurar o espaço e outros conhecimentos e competências.
- Promover a articulação entre guiões.
- Organizar outras problemáticas sobre o mesmo espaço, ou novos espaços para uma mesma problemática.

Referências:

- Anderson, D. M. (2013). Overarching goals, values, and assumptions of integrated curriculum design. *SCHOLE: A Journal of Leisure Studies and Recreation Education*, 28(1), 1-10
- Beane, J. A. (2016). *Curriculum integration: designing the core of democratic education*. New York: Teachers College Press.
- Behrendt, M., & Franklin, T. (2014). A review of research on school field trips and their value in education. *International Journal of Environment and Science Education*, 9, 235-245
- Chun, M. S., Kang, K. I., Kim, Y. H., & Kim, Y. M. (2015). Theme-Based Project Learning: Design and Application of Convergent Science Experiments. *Universal Journal of Educational Research*, 3(11), 937-942
- Dewitt, J. & Storksdieck, M. (2008). A Short Review of School Field Trips: Key Findings from the Past and Implications for the Future. *Visitor Studies*, 11(2), 181-197
- Pombo, O., Guimarães, H. M. & Levy, T. (1994). *Interdisciplinaridade: reflexão e experiência*. Coleção Educação Hoje. Lisboa: Texto Editora.
- Pombo, O., Guimarães, H. M. & Levy, T. (Org) (2006). *Interdisciplinaridade: Antologia*. Coleção Campo das Ciências. Porto: Campo das Letras.
- Rennie, L. J. (2007). Learning science outside of school. In N. Lederman & S. Abel (Eds.), *Handbook of research on science education*, 125-167. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Roldão, M.C. & Almeida, S. (2018). *Gestão Curricular - Para a Autonomia das Escolas e Professores*. Coleção Autonomia e Flexibilidade Curricular. Lisboa: DGE.
- Savery, J. R. (2015). Overview of problem-based learning: Definitions and distinctions. Essential readings in *Problem-based learning: Exploring and extending the legacy of Howard S. Barrows*, 9, 5-15
- Savin-Baden, M., & Major, C. (2004). *Foundations of problem-based learning*. Maidenhead, UK: Open University Press.



GUIÃO PEDAGÓGICO

OURÉM

VISITA DE ESTUDO:

Castelo de Ourém

Vila Medieval de Ourém



Cofinanciado por:





Castelo de Ourém

Vila Medieval de Ourém

SERVIÇO EDUCATIVO

MUSEU MUNICIPAL DE OURÉM

Morada: Largo Dr. Vitorino de Carvalho, n.º 14, 2490-497 Ourém

Telefone: + 351 249 540 900 (ext.6831) | 919 585 003

Email: museu@mail.cm-ourem.pt

Website: www.museu.cm-ourem.pt

SINOPSE

A problemática deste guião relaciona-se, muito especificamente, com os espaços do Castelo de Ourém e da Vila Medieval.

No 1.º CEB são abordados conhecimentos e mobilizadas competências de Estudo do Meio, Matemática, Português, Educação Artística - Artes Visuais, Teatro, Música e Dança. No 2.º CEB propõe-se que se trabalhem as áreas de História e Geografia de Portugal, Português, Matemática e Ciências Naturais e, no 3.º CEB, sugerimos atividades para a História, o Português, a Matemática, a Geografia e as Ciências Naturais.

Pesquisar, observar, questionar, efetuar diferentes cálculos e registar de múltiplas formas são tarefas essenciais que devem ser realizadas antes, durante e depois da visita. A ordenação da informação e o debate são fundamentais em todo o processo mas, destacam-se também, múltiplas formas de recriação de espaços e vivências.

PROBLEMÁTICA

Porquê construir um Paço em Ourém?

Viver dentro da muralha medieval ou fora dela – Como seria?

CONHECIMENTOS E COMPETÊNCIAS

Indicar conhecimentos e competências por área disciplinar/disciplina, de acordo com os documentos curriculares de referência, nomeadamente as aprendizagens essenciais e perfil do aluno, para maior articulação (horizontal ou vertical).

1.º CEB	
Conhecimentos	Competências
<p>Estudo do Meio 3.º e 4.º Anos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Sociedade - Natureza - Tecnologia - Sociedade/ Natureza/ Tecnologia 	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer as unidades de tempo; relacionar datas e factos importantes para a compreensão da história local (batalhas, lendas históricas, personalidades históricas); conhecer vestígios do passado local— construções (castelos); reconhecer a importância do património histórico local; construir um friso cronológico com os factos e as datas relevantes da História de Portugal; reconhecer a existência de fluxos migratórios, temporários ou de longa duração, identificando causas e consequências para os territórios envolvidos. - Utilizar diversos processos para referenciar os pontos cardeais (posição do Sol, bússola, estrela polar), na orientação, localização e deslocação à superfície da Terra. - Manusear operadores tecnológicos (alavanca, roldana) de acordo com as suas funções, princípios e relações na construção de uma maquete de porta de castelo. - Identificar diferenças e semelhanças entre o passado e o presente de um lugar quanto a aspetos naturais, sociais, culturais e tecnológicos; relacionar a distribuição espacial de alguns fenómenos físicos (relevo, clima, rede hidrográfica, etc.) com a distribuição espacial de fenómenos humanos (população, atividades económicas, etc.) a diferentes escalas.
<p>Matemática 3.º e 4.º Anos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Medida <ul style="list-style-type: none"> • Comprimento e Área • Volume e Capacidade - Organização e tratamento de dados 	<ul style="list-style-type: none"> - Medir comprimentos, áreas, volumes, capacidades e massas, utilizando e relacionando as unidades de medida do SI e fazer estimativas de medidas, em contextos diversos; conceber e aplicar estratégias na resolução de problemas envolvendo grandezas e propriedades das figuras geométricas no plano e no espaço, em contextos matemáticos e não matemáticos, e avaliar

1.º CEB	
Conhecimentos	Competências
<ul style="list-style-type: none"> • Representação e interpretação de dados - Resolução de problemas <ul style="list-style-type: none"> • Raciocínio matemático • Comunicação matemática 	a plausibilidade dos resultados. <ul style="list-style-type: none"> - Analisar e interpretar informação de natureza estatística; reconhecer e dar exemplos de acontecimentos certos e impossíveis, possíveis (prováveis e pouco prováveis). - Planear e conduzir investigações usando o ciclo da investigação estatística (formular questões, escolher métodos de recolha de dados, seleccionar formas de organização e representação de dados, analisar e concluir).
Português 3.º e 4.º Anos <ul style="list-style-type: none"> - Leitura - Escrita - Gramática 	<ul style="list-style-type: none"> - Ler textos com características narrativas e descritivas (lendas); mobilizar experiências e saberes no processo de construção de sentidos do texto; exprimir uma opinião crítica acerca de aspetos do texto (do conteúdo e/ou da forma). - Utilizar processos de planificação, textualização e revisão, realizados de modo individual, a pares e/ou em grupo; superar problemas associados ao processo de escrita por meio da revisão com vista ao aperfeiçoamento de texto; escrever textos géneros variados, adequados a finalidades distintas, organizados em parágrafos, coesos, coerentes e adequados às convenções de representação gráfica. - Mobilizar conhecimentos adquiridos e explicitar regras de ortografia.
Educação Artística – Teatro 3.º e 4.º Anos <ul style="list-style-type: none"> - Apropriação e reflexão - Interpretação e comunicação - Experimentação e criação 	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer a dimensão multidisciplinar do teatro, identificando relações com outras artes e áreas de conhecimento; reconhecer diferentes formas de um ator usar a voz e o corpo para caracterizar personagens e ambiências. - Estabelecer relação entre acontecimentos da vida real e as situações dramáticas desenvolvidas em aula. - Explorar as possibilidades motoras e expressivas do corpo; adequar as possibilidades expressivas da voz; transformar o espaço com recurso a elementos plásticos/cenográficos e tecnológicos; transformar objetos, experimentando intencionalmente diferentes materiais e técnicas; construir personagens, em situações distintas e com diferentes finalidades; produzir, sozinho e em grupo, pequenas cenas a partir de dados reais ou fictícios, através de processos espontâneos e/ou preparados.
Educação Artística – Música 3.º e 4.º Anos <ul style="list-style-type: none"> - Experimentação e criação - Interpretação e comunicação 	<ul style="list-style-type: none"> - Criar, em grupo, ambientes sonoros, pequenas peças musicais, ligadas ao vivenciado e ao imaginário, utilizando diferentes fontes sonoras. - Realizar sequências de movimentos corporais em contextos musicais; apresentar publicamente

1.º CEB	
Conhecimentos	Competências
- Apropriação e reflexão	<p>atividades artísticas em que se articula a música com outras áreas do conhecimento.</p> <p>- Produzir, em grupo, material escrito, audiovisual e multimédia, utilizando vocabulário apropriado, reconhecendo a música como construção social, património e fator de identidade cultural.</p>
<p>Educação Artística – Dança 3.º e 4.º Anos</p> <p>- Apropriação e reflexão</p> <p>- Interpretação e comunicação</p> <p>- Experimentação e criação</p>	<p>- Distinguir diferentes possibilidades de movimentação do Corpo através de movimentos locomotores e não locomotores, diferentes formas de ocupar/evoluir no Espaço, ou na organização da forma; adequar movimentos do corpo com estruturas rítmicas marcadas pelo professor, integrando diferentes elementos do Tempo e da Dinâmica.</p> <p>- Interagir com os colegas, no sentido da procura do sucesso pessoal e o do grupo, na apresentação da performance, e com as audiências, recebendo e aceitando as críticas.</p> <p>- Recriar sequências de movimentos a partir de temáticas, situações vivenciadas ou imaginadas, solicitações do professor, evidenciando capacidade de exploração e de composição; construir, de forma individual e/ou em grupo, sequências dançadas/pequenas coreografias a partir de estímulos vários, ações e/ou temas, mobilizando os materiais coreográficos desenvolvidos; criar, de forma individual ou em grupo, pequenas sequências de movimento e/ou composições coreográficas a partir de dados concretos ou abstratos, em processos de improvisação e composição.</p>
<p>Educação Artística – Artes Visuais 3.º e 4.º Anos</p> <p>- Experimentação e criação</p>	<p>- Integrar a linguagem das artes visuais, assim como várias técnicas de expressão (pintura; desenho; maquete; fotografia) nas suas experimentações: físicas e/ou digitais.</p> <p>- Experimentar possibilidades expressivas dos materiais (carvão vegetal, pasta de modelar, barro, pastel seco, tinta cenográfica, pincéis e trinchas, rolos, papéis de formatos e características diversas, entre outros) e das diferentes técnicas, adequando o seu uso a diferentes contextos e situações.</p>

2.º CEB	
Conhecimentos	Competências
<p>História e Geografia de Portugal 5.º Ano</p> <p>- Portugal no século XIII</p>	<p>- Caracterizar os modos de vida dos diversos grupos sociais (clero, nobreza e povo).</p> <p>- Relacionar a organização do espaço português do século XIII com os recursos naturais e humanos</p>

2.º CEB	
Conhecimentos	Competências
	<p>e com a distribuição das atividades económicas.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer a importância assumida pela expansão de feiras e de mercados no crescimento económico do século XIII. - Identificar/aplicar os conceitos: território, produção artesanal, comércio, nobreza, clero, concelho, carta de foral.
<p>Português 5.º Ano</p> <ul style="list-style-type: none"> - Oralidade - Leitura - Escrita 	<ul style="list-style-type: none"> - Organizar a informação do texto e registá-la, por meio de técnicas diversas. - Explicitar o sentido global de um texto. - Fazer inferências, justificando-as. - Compreender a utilização de recursos expressivos para a construção de sentido do texto. - Utilizar procedimentos de registo e tratamento de informação. - Planificar a escrita por meio do registo de ideias e da sua hierarquização. - Escrever textos organizados em parágrafos, de acordo com o género textual que convém à finalidade comunicativa. - Escrever com respeito pelas regras de ortografia e de pontuação.
<p>Ciências Naturais 5.º Ano</p> <ul style="list-style-type: none"> - A água, o ar, as rochas e o solo – materiais terrestres 	<ul style="list-style-type: none"> - Distinguir mineral de rocha e indicar um exemplo de rochas sedimentares.
<p>Matemática 5.º e 6.º Anos</p> <p>Geometria e medida</p> <ul style="list-style-type: none"> - Figuras planas e sólidos geométricos - Medida 	<ul style="list-style-type: none"> - Descrever figuras no plano e no espaço com base nas suas propriedades e nas relações entre os seus elementos e fazer classificações explicitando os critérios utilizados. - Calcular perímetros e áreas de figuras planas, incluindo o círculo, recorrendo a fórmulas, por enquadramento ou por decomposição e composição de figuras planas. - Explorar, analisar e interpretar situações de contextos variados, numa abordagem do espaço ao plano, que favoreçam e apoiem uma aprendizagem matemática com sentido.

3.º CEB	
Conhecimentos	Competências
<p>História 7.º Ano</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Relacionar inovações técnicas e desenvolvimento demográfico com o dinamismo económico do período histórico estudado.

3.º CEB	
Conhecimentos	Competências
- Desenvolvimento económico, relações sociais e poder político nos séculos XII a XIV	- Explicar a divisão do país em senhorios laicos e eclesiásticos e em concelhos. - Analisar o processo de fortalecimento do poder régio. - Identificar/aplicar os conceitos: senhorio; concelho; foral; mercado; feira; burguês; Cortes.
Português 7.º Ano - Oralidade - Leitura - Escrita	- Destacar o essencial de um texto audiovisual tendo em conta o objetivo da audição/visionamento. - Identificar tema(s), ideias principais, pontos de vista, causas e efeitos, factos, opiniões. Utilizar procedimentos de registo e tratamento da informação. - Elaborar textos que cumpram objetivos explícitos quanto ao destinatário e à finalidade (informativa ou argumentativa) no âmbito de géneros como: resumo, exposição, opinião, comentário, biografia e resposta a questões de leitura. - Avaliar a correção do texto escrito individualmente e com discussão de diversos pontos de vista.
Geografia 7.º Ano - A Terra: Estudos e representações	- Descrever a localização relativa de um lugar, em diferentes formas de representação da superfície terrestre, utilizando a rosa dos ventos. - Descrever a localização absoluta de um lugar, usando o sistema de coordenadas geográficas (latitude, longitude), em mapas de pequena escala com um sistema de projeção cilíndrica.
Ciências Naturais 7.º Ano - Dinâmica externa da Terra	- Distinguir rochas detríticas, de quimiogénicas e de biogénicas em amostras de mão. - Relacionar algumas características das rochas e a sua ocorrência com a forma como o Homem as utiliza, a partir de dados recolhidos no campo.
Matemática 7.º e 8.º Anos Geometria e medida - Figuras geométricas - Áreas e volumes	- Reconhecer o significado de fórmulas para o cálculo de áreas de polígonos (polígonos regulares e trapézios) e usá-las na resolução de problemas em contextos matemáticos e não matemáticos. - Analisar sólidos geométricos, incluindo pirâmides e cones, identificando propriedades relativas a esses sólidos. - Analisar figuras geométricas planas e tridimensionais, incluindo a circunferência, o círculo e a esfera, identificando propriedades relativas a essas figuras. - Reconhecer o significado de fórmulas para o cálculo de áreas da superfície e de volumes de

3.º CEB	
Conhecimentos	Competências
<p>Álgebra</p> <p>- Funções</p> <ul style="list-style-type: none"> proporcionalidade direta e determinação de escalas. 	<p>sólidos.</p> <p>- Utilizar modelos geométricos e outros materiais manipuláveis, e instrumentos variados, incluindo os de tecnologia digital.</p> <p>- Reconhecer uma função em diversas representações, e interpretá-la como relação entre variáveis e como correspondência unívoca entre dois conjuntos, e usar funções para representar e analisar situações, em contextos matemáticos e não matemáticos.</p>

COMPETÊNCIAS TRANSVERSAIS

(Perfil do Aluno)

- Discutir conceitos ou factos, articular saberes numa perspetiva disciplinar e interdisciplinar.
- Desenvolver a capacidade e o gosto pela pesquisa, a aptidão e a predisposição para procurar, selecionar e organizar informação em vários suportes e contextos.
- Interpretar problemáticas do meio com base em conhecimentos adquiridos, aplicando-os em diferentes contextos.
- Interpretar dados expressos em tabelas, gráficos e figuras.
- Desenvolver raciocínio e resolução de problemas.
- Reconhecer que a ciência, a tecnologia e a sociedade estabelecem relações de interdependência entre si.
- Desenvolver o saber científico técnico e tecnológico.
- Utilizar diversas linguagens e processos narrativos.
- Valorizar diferentes tipos de património.
- Analisar factos e situações, selecionando elementos ou dados históricos.
- Debater por domínios a conceção de cidadania ativa (desenvolvimento sustentável, educação ambiental, empreendedorismo, instituições e participação democrática, literacia financeira, risco).
- Desenvolver a sensibilidade estética e artística, despertando, o gosto pela apreciação e fruição das diferentes circunstâncias culturais.
- Utilizar as tecnologias da informação e comunicação e a biblioteca escolar para maior autonomia na realização das aprendizagens curriculares, de natureza recreativa, cívica e cultural.
- Mobilizar as TIC e as TIG para representar diferentes tipos de informação.
- Adquirir hábitos e métodos de estudo e de trabalho que promovam o tratamento da informação, a comunicação, a construção de estratégias cognitivas e o relacionamento interpessoal ou de grupo.
- Participar responsabilmente, com espírito de iniciativa e autonomia.
- Pensar crítica, reflexiva e criativamente a realidade, dotado de literacia cultural, científica e tecnológica, que lhe permita analisar, questionar e avaliar a informação, formular hipóteses e tomar decisões fundamentadas no seu dia-a-dia.
- Respeitar-se a si mesmo e ser solidário com os outros.
- Aspirar ao trabalho bem feito, ao rigor e à superação, ser perseverante, resiliente perante as dificuldades.
- Formular questões e hipóteses, fazer inferências, comprovar resultados e saber comunicá-los, reconhecendo como se constrói o conhecimento.

FASES DA VISITA DE ESTUDO

A - Ações a desenvolver antes da visita de estudo

Sugestão de algumas atividades a elaborar com os alunos para a construção e desenvolvimento da problemática da visita de estudo, no âmbito das diferentes disciplinas envolvidas.

Ourém tem inúmeros vestígios romanos. São obscuras as origens da sua designação, embora seja comum dizer-se que o seu nome era Abdegas. Sabe-se que havia um rio – o rio Ourém, “que hoje aparece nos mapas com o nome de ribeira de Seiça” (Barradas, 2006a, p. 175) e, segundo a lenda, uma moura apaixonou-se por um cavaleiro templário, converteu-se ao cristianismo e adotou o nome de Oureana. Não havendo certezas do ano concreto em que os muçulmanos conquistaram o território aos Godos, sabe-se que tal ocorreu no século VIII e que foi de novo conquistado por D. Afonso Henriques, por volta de 1136.

Documentalmente, Ourém aparece pela primeira vez referenciada, no foral de Leiria, em 1142. (...) Em 1178 há notícia de que D. Afonso Henriques fez doação de duas propriedades do termo de Ourém a Mestre Fernando. Posteriormente, a vila foi doada pelo monarca a sua filha, D. Teresa, sendo, por isso, Ourém a primeira terra portuguesa a ser dada por um rei a seus filhos (Barradas, 2006a, p. 174).

Nesse foral de 1180 faz-se referência a um “castello e recinto da vila / fora da vila”. A importância estratégica do castelo foi fundamental no contexto da rede defensiva do baixo Tejo. Passavam por Ourém as principais vias de comunicação “que ligavam Lisboa e Santarém a Coimbra, passando por Tomar” (*idem*, pp. 175-176).

Foi D. Afonso, 4.º Conde de Ourém e Marquês de Valença (1402/3?- 1460), filho de D. Afonso, Conde de Barcelos e 1.º Duque de Bragança (1370 ? – 1460) e de D. Brites Pereira (1378 ? – 1408/9 ou 1414 ?), de ora em diante 4.º Conde de Ourém, que edificou

entre 1436 e 1455, nos seus domínios, uma notável e singular obra mecenática, numa ação irrepetível em grandeza e originalidade para a época, que se materializou na remodelação urbana de Ourém, sua vila condal, com a redefinição do perímetro muralhado, a construção de uma fonte pública, um paço e uma colegiada, da edificação de um outro paço em Porto de Mós, remodelando para tal o primitivo castelo românico, e a encomenda e aquisição de obras de arte, nomeadamente um Relicário em prata dourada, destinadas a embelezar e engrandecer as obras de arquitetura por ele edificadas (Barradas, 2006b).

Na nota 12, p. 4, a mesma autora diz ainda:

A antiga vila de Ourém é atualmente uma das freguesias do Concelho de Vila Nova de Ourém – Nossa Senhora das Misericórdias. O antigo aglomerado, situado no alto de um morro com 328m de altura, perdeu importância a partir do final do século XVIII, pois o terramoto de 1755 quase que o destruiu por completo, obrigando a população a mudar-se para a freguesia mais próxima, a Aldeia da Cruz, situada no sopé do monte e que a partir de 1841 passou a ser a nova sede do concelho. O perímetro da antiga Ourém, praticamente inalterado desde então e cuja definição ficou estabelecida desde as obras levadas a cabo por D. Afonso, permite ter uma ideia muito aproximada de como era esta singular vila no século XV. A Fonte pública apresenta-se muito bem conservada e ainda hoje da sua bica jorra abundante e fresca água. O edifício da Colegiada ruiu por completo em 1755, tendo o atual sido construído entre 1760 e 1770, com projeto de Carlos Mardel. Da construção original apenas restou a Cripta, onde o 4.º Conde de Ourém foi sepultado em 1487 (...). O Paço que D. Afonso mandou edificar junto ao primitivo castelo da vila, constituído pelo edifício de habitação propriamente dito e duas torres baluarte que assentam na muralha, apesar de bastante danificado revela uma imagem de grandiosidade que marca a paisagem. As torres foram restauradas durante os anos 40-50 do século XX e apresentam-se num razoável estado de conservação; o mesmo não se pode dizer de significativos troços da muralha. Quanto ao edifício do paço, não tem cobertura e o interior está quase totalmente esventrado. Resta apenas um pavimento, a que se pode aceder, com algumas paredes interiores onde é ainda possível ver algumas portas com o respetivo aro, paredes exteriores com a marcação dos respetivos vãos, algumas conversadeiras e vestígios de lareiras. No conjunto sobressai um original e razoavelmente bem conservado friso decorativo, apostado na fachada norte do edifício, assim como uma varanda e respetivos apoios que

A - Ações a desenvolver antes da visita de estudo

Sugestão de algumas atividades a elaborar com os alunos para a construção e desenvolvimento da problemática da visita de estudo, no âmbito das diferentes disciplinas envolvidas.

o rematam (Barradas, 2006b, p. 4).

Relativamente ao Castelo e Paço dos Condes de Ourém (Figura 1), no sítio digital *e-cultura* (2016) surgem as informações seguintes, aqui muito sintetizadas:

Castelo de Ourém (monumento nacional). Data de construção: indeterminada. Erguido no ponto mais alto do morro, a cerca de 330 m de altitude. Desconhece-se a data precisa da sua fundação, mas sabe-se que já existia no séc. XII e no recinto foram identificados vestígios do Calcolítico e das Idades do Bronze e do Ferro.

Paço dos Condes de Ourém (monumento nacional). Data de construção: séc. XV. Monumento erguido pelo 4.º Conde de Ourém, para nele instalar a sua residência oficial. Considerado modelo ímpar no País, este monumento nacional é uma excelente demonstração de poder militar, poder económico e poder simbólico à época. Este conjunto é composto por uma torre central, com fins residenciais, e por dois torreões defensivos, situados mais a sul.



Figura 1. Vista aérea do Castelo e Paço dos Condes de Ourém (Fonte: SIPA, 1993).

A respeito deste monumento nacional – Castelo e Paço dos Condes de Ourém (Figura 1) – na página oficial do Sistema de Informação para o Património Arquitetónico (Leal, 2013) é descrito que

O recinto compreende três estruturas principais, alinhadas longitudinalmente segundo um eixo NO./SE. e que anteriormente se encontravam interligadas: o castelo, implantado no ponto mais elevado, o paço na zona intermédia e as torres-baluarte que integravam a cerca muralhada da vila.

CASTELO: recinto de planta triangular composto por três torres, de planta quadrangular e retangular, e diferentes entre si, unidas por pano de muralha. O acesso ao recinto é feito por aberturas, em arco de volta perfeita, na face S. da torre S. e, em arco quebrado, no pano O. da muralha. No interior do recinto encontra-se uma cisterna subterrânea à qual se acede por escadas de pedra, observando-se vestígios murários de outros compartimentos. O topo da torre NO., de planta retangular, é coroado por mísulas em tijolo nas faces e mísulas em pedra nos cantos, abrindo-se na face O. um vão em arco segmentado. Vestígios de túnel ou adarve que ligavam o castelo ao paço, com dispositivo sifonado de planta oval.

PAÇO: planta retangular da qual se ergue um grande volume paralelepípedo. Aspeto exterior de cai-

A - Ações a desenvolver antes da visita de estudo

Sugestão de algumas atividades a elaborar com os alunos para a construção e desenvolvimento da problemática da visita de estudo, no âmbito das diferentes disciplinas envolvidas.

xa, acentuado nas fachadas E., S. e O. pelo reduzido número de aberturas. Na fachada E., um vão em arco quebrado. Na fachada S., dois vãos em arco segmentado, um vão em arco quebrado e sete frestas. Na fachada O., um vão em arco segmentado e duas frestas. Na fachada N., contrariando esse fechamento, cinco vãos em arco quebrado, um quadrangular e outro em arco de volta perfeita que se prolonga em túnel sob o edifício ligando à fachada oposta. Topo coroado por um balcão com matacães, formado através da sucessão de arcos quebrados em tijolo sustentados por mísulas de pedra, que contorna a quase totalidade do edifício, sendo interrompido na fachada N. para dar lugar a uma faixa decorativa de tijolo com motivos geométricos. Interior composto por três pisos e, na metade O., uma cave, possível devido ao desnível do terreno. O piso inferior é atravessado por um segundo túnel, com o qual não tem comunicação, que ligaria diretamente o castelo à torre baluarte E. O piso intermédio é o que apresenta maior número de divisões, três câmaras e duas pequenas dependências. No piso superior, pelo qual se acederia ao balcão exterior, existe uma câmara e uma sala, num dos cantos da qual se conservam vestígios de uma lareira.

No contexto deste guião, destaca-se ainda a vila medieval de Ourém. “Firmada no topo do morro, esta vila medieval (IIP) inscreve-se no seio de uma muralha rasgada por duas portas de vão em arco redondo, a de Santarém (a sul) e a da Vila (a norte). As ruas estreitas das calçadas exibem um conjunto arquitetónico que congrega os estilos gótico, mudéjar, manuelino, barroco e pombalino” (CMO, 2018).

Portanto, como refere Gomes (2013),

há registos de ocupação humana desde o Paleolítico, sendo sucessivamente ocupada por Romanos, Suevos, Visigodos e Árabes-berberes. Durante o período da reconquista assiste-se a um maior desenvolvimento do povoamento rural. Em 1136, D. Afonso Henriques conquistou aos mouros a colina do castelo, e no local onde já existia um castro construiu o castelo, e as muralhas de modo a garantir a defesa do local, entrando assim Ourém na monarquia portuguesa. Mandou povoar a vila de Ourém antes da conquista de Lisboa em 1148, doando-a depois à sua filha D. Teresa, que lhe concedeu foral em 1180, tornando-se um dos primeiros concelhos do país. O foral foi posteriormente confirmado por D. Afonso II em 1217.

Em 1299 tinha ainda um número reduzido de moradores, e para promover o seu desenvolvimento D. Dinis doou-a a Martim Lourenço de Cerveira. No século XIV os seus habitantes tinham aumentado consideravelmente, sendo elevada à categoria de Condado em 1350. Em 1385, D. Nuno Álvares Pereira é nomeado 3.º conde de Ourém, depois de vencer a Batalha de Aljubarrota. Posteriormente retira-se para o convento do Carmo, e doa os seus bens aos seus netos D. Afonso e D. Fernando, sendo o condado de Ourém concedido a D. Afonso, IV Conde de Ourém. O século XV foi o período em que a vila velha de Ourém (atual centro histórico) teve maior desenvolvimento, principalmente pela influência de D. Afonso, 4.º Conde de Ourém (pp. 21-22).

O crescimento da população fez-se sobretudo a partir do século XIII e no século XV era uma região em crescimento, modernizada aliás por intervenção do 4.º conde de Ourém. Alexandra Barradas (2006a) refere que no início do século XV vivia lá um médico “cavaleiro da casa do duque de Bragança” (p. 184) e que só a vila teria 120 fogos, 27 cavaleiros e escudeiros, 12 cónegos e 4 clérigos – 450 pessoas só na vila, na zona amuralhada. Nos termos da vila havia dez “quintãs solarengas” (*idem*, p. 184).

É também importante perceber que a Carta de Foral era concedida pelo rei a uma terra, “contendo normas que disciplinam as relações dos seus povoadores ou habitantes entre si e destes com a entidade outorgante”. São sobretudo “normas de direito público” (Mário J. de Almeida Costa, “Forais”, *Dicionário de História de Portugal*, Vol. III, p. 55). Com a reforma dos forais levada a cabo por D. Manuel, estes “alcançaram um sentido diferente, perdendo o carácter de estatutos político-concelhios, para conservarem o simples aspeto de registos atualizados das isenções e encargos locais” (*idem*, p. 56).

Para iniciação à exploração da problemática e associando a possibilidade de construção de um

A - Ações a desenvolver antes da visita de estudo

Sugestão de algumas atividades a elaborar com os alunos para a construção e desenvolvimento da problemática da visita de estudo, no âmbito das diferentes disciplinas envolvidas.

portefólio, sugerem-se algumas atividades a realizar com os alunos antes da visita de estudo ao Castelo e à Vila Medieval de Ourém. Estas atividades podem ser realizadas com os alunos dos diferentes ciclos do ensino básico, desde que devidamente adaptadas ao respetivo ano de escolaridade.

A.1. De modo a motivar os alunos para a visita que se vai realizar, mostrar um pequeno vídeo promocional de Ourém, promovido pela Câmara Municipal de Ourém, disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=77jC2wB9GNQ>> (são 3,24 minutos, mas pode visualizar-se apenas até ao minuto 1,20). Tal como é referido na descrição desse vídeo:

Firmada no topo do morro, a Vila Medieval de Ourém inscreve-se no seio de uma muralha rasgada por duas portas de vão em arco redondo, a de Santarém (a sul) e a da Vila (a norte). O Castelo de Ourém (Monumento Nacional) representa um marco fulcral da povoação do burgo na Idade Média. É formado por três torres quadrangulares e ostenta um recinto triangular, o qual acolhe uma cisterna subterrânea. A Vila Medieval de Ourém ostenta também o Paço dos Condes de Ourém (Monumento Nacional), o Terreiro de S. Tiago, a Cadeia, a Antiga Casa da Câmara, o Pelourinho, a Antiga Colegiada e Igreja Matriz de Ourém, a Cripta e Túmulo do 4.º Conde de Ourém e a Capela de N.ª Sr.ª da Conceição. [...] As ruas estreitas das calçadas exibem um conjunto arquitetónico que congrega os estilos gótico, mudéjar, manuelino, barroco e pombalino. [...]

Pode também recorrer-se a um vídeo com a vista aérea da vila medieval e do castelo de Ourém, de Helder Afonso, responsável pela página *Portugal visto do Céu*, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=x3lQPNNCK94>>.

A partir da discussão destes vídeos, levar os alunos a problematizarem estes espaços:

- a) Porquê construir um Paço em Ourém?
- b) O que terá motivado o 4.º Conde de Ourém?
- c) Viver dentro da muralha medieval ou fora dela – Como seria?

A.2. Realizar pesquisa bibliográfica sobre os espaços a visitar e organizar as informações disponíveis (quer escritas quer iconográficas) sobre o burgo medieval e sobre o castelo, de modo a elaborar um portefólio.

A.3. Identificar figuras geométricas planas em que se possa fazer a decomposição das muralhas, preparando o estudo para o cálculo de áreas e volumes dessas componentes. Procurar traçar a planta da fortaleza à escala, ou parte desta, consoante a informação reunida (e.g., Figura 2). Preparar instrumentos para calcular a altura de algumas muralhas usando processos matemáticos.

A - Ações a desenvolver antes da visita de estudo

Sugestão de algumas atividades a elaborar com os alunos para a construção e desenvolvimento da problemática da visita de estudo, no âmbito das diferentes disciplinas envolvidas.

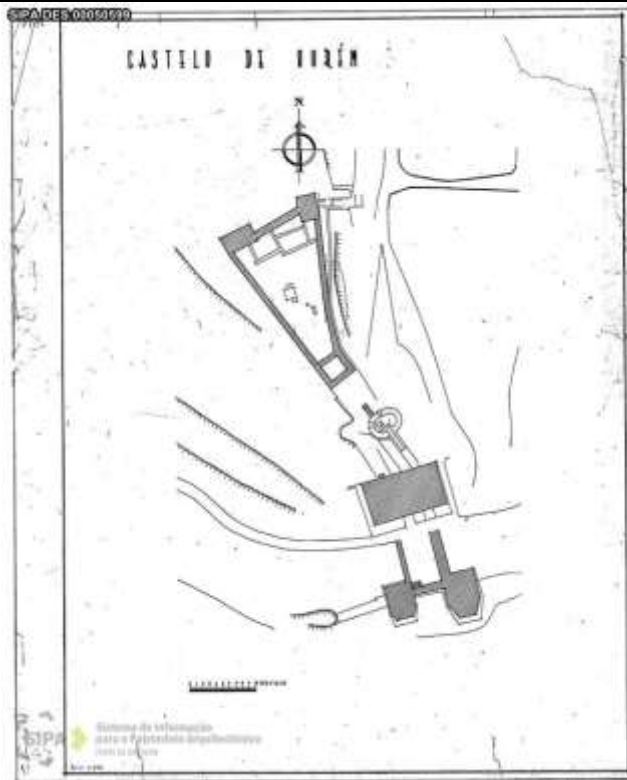


Figura 2. Castelo de Ourém (Fonte: SIPA).

A.4. Preparação e organização de materiais de apoio ao trabalho de campo (grelhas de recolha de dados, bloco de notas, máquina fotográfica, entre outros) e também sobre como recolher os dados no local. Debate relativo às regras de segurança a ter em conta no percurso e espaço.

B - Ações a desenvolver durante a visita de estudo

Sugestão de alguns recursos didáticos/pedagógicos e instrumentais a serem utilizados na visita de estudo, no âmbito das diferentes disciplinas envolvidas, e que resultam do trabalho desenvolvido previamente com os alunos.

B.1. Visitar o Castelo de Ourém. Perceber que fortificações foram utilizadas, a relevância da cisterna e, também, os motivos que poderão ter levado o 4.º Conde de Ourém a construir o seu Paço tão próximo do castelo. Recolha de informação necessária para completar o portefólio.

B.2. Visitar o burgo medieval, percorrendo as ruas, anotando os vestígios que parecem mais antigos, fotografando ou registando graficamente pormenores, percebendo as suas características, com as calçadas íngremes, as ruelas estreitas, o casario em declive...

B.3. Perceber as diferenças entre tipos de habitação na vila medieval, bem como a sua localização. Imaginar o local onde se venderiam os produtos agrícolas, os animais. Filmar, fotografar ou desenhar o enquadramento paisagístico, alguns sistemas construtivos defensivos e outros pormenores que se considerem relevantes e característicos.

B.4. Olhar a paisagem e compreender a situação privilegiada relativamente a outras localidades e, também, sugerir onde seriam as terras de cultivo. Compreender de igual modo como se processaria

B - Ações a desenvolver durante a visita de estudo

Sugestão de alguns recursos didáticos/pedagógicos e instrumentais a serem utilizados na visita de estudo, no âmbito das diferentes disciplinas envolvidas, e que resultam do trabalho desenvolvido previamente com os alunos.

o cultivo e a rega dessas terras, o transporte dos produtos agrícolas.

B.5. Relacionar o castelo, a sua construção, com recolha de dados (medida: comprimento e área, volume e capacidade) para posterior criação e resolução de problemas matemáticos. Encontrar os elementos estudados antes da visita por forma a obter as medidas necessárias à realização dos cálculos projetados. Calcular alturas inacessíveis usando os instrumentos entretanto produzidos.

B.6. Descrever a localização relativa e absoluta do castelo e da vila medieval de Ourém, utilizando a rosa dos ventos e o sistema de coordenadas geográficas (latitude, longitude), respetivamente.

B.7. Analisar no local a Carta Geológica de Vila Nova de Ourém (folha 27-A) à escala 1:50000 (LNEG, 2019) e realizar a contextualização geológica do local. Destaca-se a presença na região das seguintes rochas sedimentares: calcários margosos e de conglomerados. No castelo de Ourém situam-se Calcários Margosos de Ourém e Batalha, que definem pontos elevados de pequenas áreas planálticas (Manuppella et. al., 2000). Identificar também a presença de calcário no castelo e no paço (Leal, 2013).

C - Ações a desenvolver após a visita de estudo

Sugestão de algumas atividades que orientem os alunos a organizarem e a integrarem a aprendizagem efetuada antes e durante a visita, de modo a responderem à problemática de partida. Apresentar sugestões de índole metodológica e avaliadora das aprendizagens.

C.1. Reordenar toda a informação para colocar no portefólio, inserindo os registos colhidos durante a visita.

C.2. Imaginar um dia na vida de um habitante (camponês, escudeiro, cavaleiro, o próprio conde, entre outros) nas terras de Ourém – narrativa escrita ou gráfica (ou que reúna as duas componentes).

C.3. Organização e tratamento de dados com resolução de problemas matemáticos. Trabalhar os dados numéricos recolhidos durante a visita, por forma a concretizar as hipóteses de estudo levantadas/colocadas antes da visita.

C.4. Construção de uma maquete do castelo.

C.5. Dramatização de uma peça em cenas históricas, de uma batalha com associação à música e dança.

C.6. Conclusão do portefólio e discussão final da problemática inicial, debatendo em conjunto as respostas às questões de partida: Porquê construir um Paço em Ourém? Viver dentro da muralha medieval ou fora dela – Como seria?

AVALIAÇÃO

1. Proporcionar a diversificação de momentos, tipos e instrumentos de avaliação mediante a intencionalidade das aprendizagens.

De acordo com as ações estratégicas de ensino orientadas para o Perfil dos alunos, proporcionar atividades formativas que possibilitem aos alunos, em todas as situações:

- Apreciar os seus desempenhos;
- Estabelecer relações intra e interdisciplinares;
- Saber questionar uma situação;
- Desenvolver ações de comunicação verbal e não verbal pluridirecional;
- Utilizar conhecimento para participar de forma adequada e resolver problemas em contextos diferenciados;
- Desenvolver tarefas de planificação, de revisão e de monitorização;
- Desenvolver tarefas de síntese;
- Elaborar planos gerais, esquemas e mapas conceptuais;
- Identificar pontos fracos e fortes das suas aprendizagens;
- Utilizar os dados da sua autoavaliação para se envolver na aprendizagem;
- Descrever as suas opções usadas durante a realização de uma tarefa ou abordagem de um problema.

2. Autoavaliação realizada pelo aluno sobre o desenvolvimento das atividades e competências mobilizadas em cada fase, as aprendizagens adquiridas, com espaço a críticas e sugestões.

3. Avaliação efetuada pelo professor do processo e produtos resultantes das aprendizagens do aluno no portefólio. Valorizar o trabalho de livre iniciativa, a participação em contexto sala de aula e na visita de estudo, incentivando a intervenção positiva no meio escolar e na comunidade.

4. Autoavaliação realizada pelo professor sobre a monitorização das atividades desenvolvidas, do processo de ensino/aprendizagem e da(s) resposta(s) às problemática(s) em cada guião da visita de estudo.

5. Após partilha da avaliação, debate e reflexão conjuntos entre professores envolvidos, alunos e outros intervenientes da comunidade escolar/educativa.

BIBLIOGRAFIA/WEBGRAFIA

- Barradas, A. L. (2006a). *Ourém e Porto de Mós. A obra mecenática de D. Afonso, 4º Conde de Ourém*. Lisboa: Instituto de História da Arte, F.C.S.H./Edições Colibri.
- Barradas, A. L. (2006b). D. Afonso, 4º Conde de Ourém – Viagens, Cultura Visual e Formação de um Gosto in *Medievalista online*, Ano 2, nº 2 - IEM - Instituto de Estudos Medievais.
- CMO (Câmara Municipal de Ourém). (2018). O que visitar. Disponível em: <<https://www.ourem.pt/visitar/o-que-visitar/>>.
- e-cultura (2016). Centro Histórico de Ourém. Centro Nacional de Cultura. Disponível em: <http://www.e-cultura.sapo.pt/patrimonio_item/10336>.
- Eliseu, J. N., & Flores, J. (1988). *Ourém, três contributos para a sua história*. Ourém: Câmara Municipal de Vila Nova de Ourém.
- Garcês, J. (2002). *História de Ourém*. s.l.: Âncora Editora.
- Gomes, J. S. (2013). *Caracterização e diagnóstico do centro histórico de Ourém*. Relatório de Estágio de Mestrado em Gestão do Território, especialização em Planeamento e Ordenamento do Território. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.
- LNEG (Laboratório Nacional de Energia e Geologia). (2019). Download de Cartografia Geológica, à escala 1:50 000. Disponível em: <http://geoportal.ineg.pt/index.php?option=com_wrapper&view=wrapper&Itemid=60>.
- Leal, T. (2013). *Castelo de Ourém / Paço dos Condes de Ourém*. Sistema de Informação para o Património Arquitetónico. Disponível em: <http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6401>.
- Manuppella, G. et. al. (2000). *Notícia explicativa da folha 27-A Vila Nova de Ourém*. Lisboa: Departamento de Geologia, Instituto Geológico e Mineiro.
- Vieira, S. M. (s.d.). *Atividade educativa no Burgo Medieval de Ourém*. Proposta de um guião para uma visita de estudo adaptada e revista pela Associação de Professores de História. Disponível em área reservada, <http://www.aph.pt/>

INFORMAÇÃO COMPLEMENTAR

- No **Programa Horizontes da Memória X**, *O Paço do Conde*, (RTP Arquivos) José Hermano Saraiva fala sobre Ourém – ver sobretudo a partir do minuto 17, quando se refere ao 4.º Conde de Ourém, ao Castelo e ao Paço, disponível em <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/o-paco-do-conde/> (acesso em outubro de 2018).
- O *Museu Municipal de Ourém* (<http://www.ourem.pt/index.php/museu>) organiza visitas guiadas e áudio-guiadas ao burgo.

FICHA

Título: Guião Pedagógico – Ourém - Visita de Estudo ao Castelo de Ourém e Vila Medieval de Ourém

Âmbito: Plano Estratégico de Desenvolvimento Intermunicipal da Educação no Médio Tejo (PEDIME) - Programa de Visitas de Estudo do Médio Tejo

Editor:

COMUNIDADE INTERMUNICIPAL DO MÉDIO TEJO
Município de Ourém

Organização:

Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade Nova de Lisboa



Equipa:

Raquel Henriques (Org.)
Rute Perdigão
António Domingos
Sílvia Ferreira
Susana Gomes

Data: fevereiro 2019

Revisão: abril de 2019